

IMPETU e o seu movimento de libertação na Indonésia (1982–1999)

João Freitas de Câmara

Introdução

A invasão e a ocupação ilegal de Timor-Leste pelo regime militarista da Indonésia, desde Agosto de 1975, criaram barreiras prolongando assim o processo de Luta pela Libertação da Pátria e do Povo timorense das garras do domínio estrangeiro. Mesmo assim, os timorenses embora dominados e rodeados por terra, ar e mar pelas forças militaristas de Jacarta, foi-lhes dada a ideia natural de abertura de novos horizontes de luta, especialmente aos estudantes timorenses na terra dos ocupantes, procurando assim encontrar novos espaços e meios de Resistência para alcançar o seu objectivo comum, a Restauração da Independência Nacional de Timor-Leste. Esta determinação foi provada pelas seguintes medidas tomadas como implementação prática dos seus ideais sonhados.

IMPETU, suas ramificações e actividades

IMPETU é abreviatura de «Ikatan Mahasiswa dan Pelajar Timor-Timur» que significa Liga de Estudantes Timorenses. Esta Liga «*Ikatan*» de Estudantes (Universitários «*Mahasiswa*» e «*dan*» da Escolas Secundárias «*Pelajar*») de Timor-Leste «*Timor-Timur*» é composta não só de estudantes universitários como também de estudantes das escolas secundárias na Indonésia, que na sua tradução literal, *Liga de Estudantes Universitários e das Escolas Secundárias de Timor-Leste*, ficava mal inserida no contexto da realidade de então.

A Liga foi criada em Jacarta no ano de 1984, com o simples objectivo de atender às necessidades estudantis, mas foi ao mesmo tempo uma forma boa para ser aproveitada posteriormente, sobretudo para manter viva a chama de Unidade Nacional dos timorenses (fragmentada pelo sistema político e repressivo inimigo de *divide et impera*) na Indonésia, como meio vital da luta, para o alcance dos seus supremos objectivos,





<
Rapariga transportando milho.
Fotografia de Elaine Brière.
Fundação Austronésia Borja da Costa.

isto é, a Restauração da Independência Nacional de Timor-Leste.

Este tipo de organização estudantil expandiu-se, posteriormente, às outras cidades de Java, criando ramificações para actuar mais em actividades de carácter político, concentrando mais atenção na defesa contra a violação de Direitos Humanos em Timor-Leste, do que uma organização estudantil propriamente dita.

Inicialmente, isto é, nos princípios dos anos '80, as actividades desenvolvidas eram limitadas apenas à canalização de correspondência e de informações muito restritas, do território ocupado para o exterior via Indonésia, às vezes através de pessoas de confiança que prestavam serviços oficiais às autoridades indonésias, para não suscitar a desconfiança dos agentes da inteligência indonésia espalhados nos diversos pontos vitais de circulação humana, como nos portos e aeroportos. Como exemplo, menciono o caso concreto do falecido Guilherme Gonçalves que, já desde os princípios dos anos oitenta, mantinha uma rede com o então Comandante das Falintil, Kay Rala Xanana Gusmão. O canal partia do território e estendia-se para o exterior, via Indonésia, através da rede montada pelo notável Régulo de Atsabe, Guilherme Gonçalves, que nos meados dos anos '80 ocupava a posição de membro do Conselho Consultivo Nacional da Indonésia em Jacarta.

Essa correspondência era passada posteriormente para o exterior através de alguns membros das organizações não-governamentais que arriscavam as suas vidas na defesa do sublime ideal, entrando na Indonésia para nos visitar e dar a conhecer no exterior informações sobre a violação de Direitos Humanos em Timor-Leste. Uma das linhas ou canais que nós tínhamos com o exterior era com a organização de Pat Walsh que, nos princípios do ano '80, era Director de ACFOA (Australian Council For Overseas Aid). Felizmente, esta linha dava-nos

apoio tanto humanitário como moral e político nos momentos difíceis da nossa resistência, como energia de revitalização ao longo do processo da nossa luta clandestina na Indonésia.

Detenção e prisão dos estudantes timorenses na Indonésia e seu impacto político na arena internacional

Asilo Político na Embaixada Holandesa em Jacarta

Além de várias detenções e prisões arbitrárias feitas pelos militares indonésios no território de Timor-Leste, cinco estudantes timorenses, nomeadamente Antonino Gonçalves, João Freitas de Câmara, Francisco Fernandes (Jacarta), Domingos Maria Sarmiento e Germano da Silva (Dlí), apanhados e detidos pelos militares indonésios nos princípios de Agosto de 1986 em Jacarta e Dlí, levaram a clandestinidade à superfície, assinalando assim o início da expansão aberta de luta pela libertação de Timor-Leste na Indonésia, passando à globalização informática, quando depois de libertados sob pressão internacional, quatro dos estudantes ameaçados e em perigo de vida, pediram asilo político na Embaixada Holandesa em Jacarta nos princípios de Setembro do mesmo ano.

Passados quatro meses após a realização do facto acima mencionado, as nossas actividades e contactos com os média bem como com organizações não-governamentais no território inimigo eram feitas mais à vontade, sem controlos significativos da parte dos agentes da inteligência indonésia.

Podiam organizar-se encontros entre timorenses sem grandes receios e suspeita de espionagem por parte da inteligência indonésia em qualquer cidade do país. Além disso, já podíamos mobilizar os operários timorenses empre-

gados por Tutut, filha mais velha de Suharto, que estavam descontentes por serem mal pagos pela companhia empresária de Tutut e por terem uma vida difícil nas diferentes cidades da Indonésia.

Todo o sucesso adquirido quanto às mudanças relativamente à segurança e liberdades de movimento e organização foi obtido graças à pressão e a vigilância das organizações de solidariedade internacional sobre o Governo da Indonésia.

Apelo à Reorganização da Frente Clandestina na Indonésia

Cerca do ano de 1988, o comandante das Falintil Kay Rala Xanana Gusmão apelou para a reorganização da Frente Clandestina na Indonésia. Duas opções foram propostas. Unificar todas as organizações clandestinas então existentes na Indonésia numa só, ou formar uma Comissão Coordenadora com o objectivo de coordenar todas as actividades clandestinas então existentes na Indonésia, tais como Renetil, Ojectil, etc.

Foi convocada uma reunião em Semarang nos fins de Agosto de 1988, onde estiveram presentes representantes timorenses sedeados nas diversas cidades de Java e Bali, (respectivamente, Jacarta, Bandung, Surabaya, Yogyakarta e Denpasar) coordenada por um dos primeiros jesuítas timorenses, o Reverendo Padre Filomeno Jacob Abel, sob especiais instruções de Xanana Gusmão, com o objectivo de traçar linhas gerais de reorganização.

Após um dia de encontro, foi acordada uma outra reunião, no mês seguinte, em Solo (uma pequena cidade situada a oeste de Yogyakarta, parte leste de Java).

Um mês depois, num bairro de lata da pequena vila de Solo, numa casa alugada por bravos estudantes timorenses, juntaram-se representantes da frente clandestina, prove-

nientes das diversas cidades de Java e Bali, determinados a cerrar fileiras e levar avante a luta pela libertação do seu Povo e da sua Terra do jugo e da dominação militar indonésia. Esse foi o fulcro do objectivo da nossa concentração naquela pequena cidade.

Foram três dias e três noites de intensa actividade aproveitados para discussões, estudos e análises, com a finalidade de encontrar a melhor forma de reorganização no território inimigo, e de responder correctamente à evolução da luta, de acordo com as directrizes emanadas do Comando da Luta Armada para a escolha de uma das duas opções acima mencionadas.

Devido ao carácter clandestino da reunião, no fim do terceiro dia o encontro terminou com a manutenção de identidade de cada organização clandestina, mas sempre unidas pelo mesmo ideal, isto é, o ideal da Libertação Nacional.

Demonstração contra o Massacre de 12 de Novembro

Uma semana depois do sangrento acontecimento de 12 de Novembro de 1991 junto ao portal do cemitério de Santa Cruz, em Díli, pelas dez horas em ponto, cento e tal estudantes timorenses provenientes de diversas universidades e institutos superiores indonésios de Java e Bali concentraram-se frente ao edifício da Representação Diplomática da ONU em Jacarta num protesto aberto contra o Governo militarista de Suharto.

Na demonstração, como Coordenador e Responsável da acção, foi entregue por mim ao Chefe daquela Missão Diplomática com endereço ao Secretário-Geral da ONU, uma nota de protesto contra os actos de barbaridade cometidos pelos militares indonésios no cemitério de Santa Cruz, apelando ao Representante Máximo daquela instituição mundial, sua imediata interferência para pôr fim à massiva, periódica e sis-

Pastor lavando búfalo.
Fotografia de Elaine Brière.
Fundação Austronésia Borja da Costa.



Diario



Pescador puxando a rede.
Fotografia de Elaine Brière.
Fundação Austronésia Borja da Costa.

temática violação de Direitos Humanos que tinha vindo a causar até então sofrimentos e martírios intoleráveis ao inocente povo timorense, e dar uma definitiva solução política ao não resolvido problema de Timor-Leste na arena internacional.

O Governo militarista indonésio, alérgico às actuações democráticas, não tolerou o protesto pacífico e disciplinado dos estudantes timorenses. Cerca de setenta dos cento e tal estudantes que tomaram parte na demonstração, foram apanhados e detidos, e após mais de um mês de intenso interrogatório, a maioria dos estudantes foi libertada com ameaças de novas detenções e perdas de bolsas no caso de voltarem a envolver-

-se na política. Os outros foram submetidos a um processo judicial no tribunal, incluindo o julgamento e prisão de cinco líderes, representantes dos estudantes timorenses provenientes das principais cidades das ilhas de Java e Bali.

Depois de um longo período de três meses de julgamento, com início em Março de 1992, quatro dos cinco representantes dos estudantes foram condenados a uma pena de prisão de dez anos, nove anos, dois anos e meio e dez meses, respectivamente para João Freitas de Câmara, Fernando de Araújo, Virgílio da Silva Guterres e Agapito Cardoso enquanto que um dos líderes foi libertado no fim do julgamento por nele se ter achado leve grau de culpabilidade subver-

siva da anti-integração de Timor-Leste na Indonésia.

Em Junho do ano de 1992 foram condenados e levados para a Prisão Central de Jacarta, conhecida pelo nome «Cipinang», acusados de subversão e de serem contra a integração do território de Timor-Leste na Indonésia.

3. Década 90, era de asilo e de transformações políticas

As perseguições, detenções, prisões arbitrárias e rapto de timorenses efectuados pelos militares indonésios em Timor-Leste e na Indonésia, foram a causa de pedidos frequentes de protecção ou asilo político nas embaixadas europeias e americanas em Jacarta. As Embaixadas tomadas como alvo foram as de Suécia, França, Inglaterra, Rússia e por último América e Áustria, na década de 1990.

A actuação dos timorenses nas Embaixadas acima mencionadas, contribuíram muito para a globalização informática sobre a violação de Direitos Humanos, facto que degradou imenso a imagem de Jacarta na arena internacional e muito ajudou também à queda do regime militarista de Suharto.

A degradação da imagem do governo de Suharto não teve origem apenas na questão timorense, dado que a violação de Direitos Humanos cometida pelos militares indonésios não se deu só em Timor-Leste, mas também em diversas províncias da Indonésia como Irian Jaya, Aceh, Maluku, Kalimantan e até mesmo em diversas áreas de Java, nomeadamente nos subúrbios de Jacarta, como no caso de matanças massivas em Tanjung Priok (1983), Trisakti (Maio de 1998) e Jembatan Sudirman Atma Jaya (12 de Novembro 1998). Nos dois últimos casos o número total das vítimas não elevado mas mesmo assim significativo, por ter resultado de um confronto entre militares armados contra universitários e civis desarmados junto aos cam-

pos das Universidades. Os processos judiciais contra os culpados encontram-se agora a decorrer nos tribunais de justiça em Jacarta.

A década 90 foi a era de *asilo político* na capital da Indonésia, Jacarta. As embaixadas alvo de pedidos de asilo foram as missões diplomáticas europeias e americanas, nações preocupadas com os problemas de crescente violação de Direitos Humanos, especialmente em Timor-Leste e nas diversas províncias da Indonésia acima mencionadas.

Um dos factos que mais envergonhou Suharto, foi o pedido de asilo político por parte de jovens timorenses que, ameaçados e perseguidos em Timor-Leste, fugiram para Jacarta e pediram asilo político na Embaixada Americana, coincidindo com a presença do então Presidente Clinton no encontro da APEC em Bogor. Negociações entre os dois governos foram feitas em vão para solucionar o problema do asilo político, acabando por se recorrer a Portugal como receptor dos *asylum seekers*, para garantir a manutenção de boas relações diplomáticas entre Washington e Jacarta.

Nos meados da década 90, a IMPETU passou a trabalhar abertamente em demonstrações contra o Governo Indonésio pela libertação de Timor-Leste, sob o comando do seu Secretário Geral, Eng. Mariano Sabino Lopes, e a orientação directa do Presidente do CNRM – CNRT e Comandante das Falintil, Kay Rala Xanana Gusmão, então nas masmorras de Cipinang.

Aconteceram muitas transformações políticas na década 90 em relação ao problema de Timor-Leste, graças às actividades da IMPETU na Indonésia, nas suas diversas ramificações, em coordenação com os seus representantes tanto no interior como no exterior da Pátria, bem como com a solidariedade da comunidade internacional, incluindo as organizações não-governamentais de Direitos Humanos da Indonésia. Os acontecimentos que mais assinalaram



Fotografia de Elaine Brière.
Fundação Austronésia Borja da Costa.

essas transformações foram, entre outros, o restabelecimento das relações diplomáticas de Portugal com a Indonésia, iniciado com a nomeação da Dra. Ana Gomes como Chefe da Missão Diplomática e actual Embaixadora de Portugal em Jacarta, a decisão do Presidente Habibie de autorizar a realização do referendo em Timor-Leste e a libertação de Xanana Gusmão e todos os prisioneiros políticos.

4. Desfecho

Como desfecho, quero deixar ficar neste escrito os meus agradecimentos a todos quantos tomaram parte na Luta de Libertação de Timor-Leste, tanto indivíduos como organizações internacionais ou países, especialmente, Portugal e os Países da Expressão Portuguesa que

sempre foram solidários com a nossa luta ao longo da ocupação e domínio ilegal da Indonésia sobre Timor-Leste.

Seguidamente, não posso deixar passar esta oportunidade para, num minuto de silêncio, relembrar todos os Heróis tombados ao longo do processo da Luta de Libertação Nacional, tanto conhecidos como desconhecidos. Que Deus lhes conceda lugar apropriado na Eternidade.

E, por último, quero expressar a todo o Povo Timorense os meus parabéns pelo sucesso alcançado, com apelo para que juntos e de mãos dadas, afincadamente trabalharmos para a Paz, Justiça, Progresso e Prosperidade, sempre dentro do espírito de amor e fraternidade.